

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO
COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN

DEBORA CRISTINA LIMA GONÇALVES

A FACE DO EVANGELHO
É UMA MULHER NEGRA

RIO DE JANEIRO
2023

Debora Cristina Lima Gonçalves

A face do evangelho é uma mulher negra

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientadora: Lilian Soares Carvalho
Coorientação: João Ovidio Paulo

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

L635r Lima Gonçalves, Debora Cristina
O rosto do evangelho é uma mulher negra / Debora
Cristina Lima Gonçalves. -- Rio de Janeiro, 2023.
59 f.

Orientadora: Lilian de Carvalho Soares.
Coorientadora: João Paulo Ovidio.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2023.


1. Racismo. 2. mulher negra evangélica . 3.
fotografia. I. de Carvalho Soares, Lilian, orient.
II. Ovidio, João Paulo, coorient. III. Título.

DEBORA CRISTINA LIMA GONÇALVES


A FACE DO EVANGELHO É UMA MULHER NEGRA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Visual Design.


Aprovado em 13 de dezembro de 2023

Documento assinado digitalmente
 **LILIAN DE CARVALHO SOARES**
Data: 05/01/2024 09:37:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Lilian de Carvalho Soares (orientadora)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **JOAO PAULO BRITO DOS SANTOS OVIDIO**
Data: 19/12/2023 21:15:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

João Paulo Brito dos Santos Ovídio (co-orientador)
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **IRENE DE MENDONÇA PEIXOTO**
Data: 05/01/2024 08:53:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Irene Mendonça Peixoto
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente
 **HELLEN ALVES CABRAL**
Data: 04/01/2024 16:50:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Hellen Alves Cabral
(BAH/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa prática e crítica que traz como produto final um fotolivro com ensaios fotográficos autorais. O eixo de debate aborda a construção da imagem de mulheres negras na sociedade e, mais especificamente, na igreja evangélica. Entre os assuntos desenvolvidos estão a história da igreja evangélica protestante no Brasil e sua relação com a manutenção do racismo estabelecido no país. Para uma análise crítica destes assuntos algumas referências teóricas como a autora Djamila Ribeiro(2018) e Jacira Monteiro(2020) foram evocadas. Além disso, parte da obra da artista Rosana Paulino é uma referência balizadora das práticas visuais desenvolvidas no fotolivro. Por fim, a obra autoral é apresentada como objeto resultante das reflexões deste debate e das práticas fotográficas realizadas.

Palavras-chave: Fotolivro, mulher negra, racismo, igreja evangélica

ABSTRACT

This work presents a practical and critical research project, the final product of which is a photobook with authorial photo essays. The axis of debate deals with the construction of the image of black women in society and, more specifically, in the evangelical church. Among the subjects developed are the history of the Protestant evangelical church in Brazil and its relationship with the maintenance of established racism in the country. For a critical analysis of these issues, some theoretical references such as the author Djamila Ribeiro (2018) and Jacira Monteiro (2020) were evoked. In addition, part of the work of artist Rosana Paulino is a guiding reference for the visual practices developed in the photobook. Finally, the author's work is presented as an object resulting from the reflections of this debate and the photographic practices carried out.

Keywords: Photobook, black woman, racism, evangelical church

AGRADECIMENTOS

Finalizar o TCC foi uma longa jornada e levou pouco mais de 2 anos para chegar até este momento. Entre quase desistências, pandemia do COVID, dúvidas e lágrimas, houve quem acreditasse que era possível finalizar essa etapa.

Agradeço a Deus antes de qualquer um. Não apenas por colocar conseguir concluir este projeto depois de tantas dificuldades, mas antes de tudo pela vida e ser uma mulher negra e entender o propósito e a potência disso. A Ele toda honra e glória.

Há 18 anos, eu e minha mãe do coração iniciamos e jornada que sinto finalizar com a entrega deste projeto. Com ela aprendi a ser mulher e a amar ser negra e todos os traços que tenho em mim. Aprendi que posso todas as coisas em Deus e que eu sou maior do que o tamanho que me vejo. **Rosânia**, obrigada por ser minha mãe e por me ensinar a não desistir.

Ao **Jeferson**, meu melhor amigo e esposo, agradeço por sempre acreditar no meu potencial e cobrir as brechas da rotina no processo de finalização deste trabalho. Por cuidar de mim e de tudo em nossa casa para que eu conseguisse terminar esse projeto sem tanto caos. Isso não seria possível sem você.

Criar as imagens deste fotolivro não seria possível sem as mulheres que inspiram a minha caminhada de fé, aquelas que vieram antes de mim e muitas que hoje ainda caminham comigo. Agradeço por cederem um tempo de sua agenda para que eu pudesse registrar em imagens o rosto, os acessórios e características que nos fazem únicas e semelhantes em tantos aspectos. Nem todas aparecem nas fotos deste projeto, mas gostaria de citá-las e honrar suas vidas aqui: **Alice Gonçalves, Anita Nogueira, Camila Gil e minha afilhada Maria, Daniele Pereira, Elaine Cristina, Eliete Celestino, Letícia Campos junto da pequena Elis, Mariana Araújo, Núbia Pereira junto de suas filhas Maitê e Maria Cecília, Rosane Líbano, Rosânia Gonçalves, Rosinete Gonçalves e Silvia Campos**. Faço um agradecimento especial à **Raquel Cristina**, minha amiga e modelo, que caminha lado a lado comigo na vida e na fé e topou participar de todas as etapas do projeto sem reclamar, inclusive posar num canteiro no meio da rua para que essas fotos saíssem do papel. Você é grande e é uma honra ter você ao meu lado.

Agradeço a minha orientadora **Lilian Soares** que junto comigo deu vida a este fotolivro. Sou grata pela paciência e persistência em mim e nas minhas ideias. Obrigada por não me deixar desistir.

Não posso deixar de agradecer ao **João Ovídio**, por cooperar na construção e finalização deste projeto. À **Christiane Mello** agradeço por ser minha mentora antes, durante e fora dos corredores acadêmicos. Obrigada por seu olhar gentil e pelas aulas particulares de editorial para finalizar esse fotolivro.

Agradeço à **Universidade Federal do Rio de Janeiro** e à **Escola de Belas Artes**, que me ofereceram um espaço para aprender e crescer, como pessoa e como profissional. Aos professores com que tive aula e pude aprender um pouco mais.

Gratidão à cada um que contribuiu para que eu chegasse até aqui.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Fig. 1: Reverend Thomas Jefferson Bowen e Lurena Henrietta Bowen, 1853 | 18 |
| Fig. 2: A redenção de Cam de Modesto Brocos, 1895 | 19 |
| Fig. 3: Série Bastidores de Rosana Paulino, 1997 | 26 |
| Fig. 4: Foto registrada durante culto do congresso de jovens evangélicos | 30 |
| Fig. 5: Foto registrada durante culto do congresso de jovens evangélicos | 30 |
| Fig. 6 : A Noiva de Dante Gabriel Rossetti, 1865 | 31 |
| Fig. 7: Fotografia feita em ensaio "A Noiva" | 32 |
| Fig. 8: Fotografia feita em ensaio "A Noiva" | 32 |
| Fig. 9: Fotografia de mulheres negras evangélicas | 33 |
| Fig. 10: Fotografia de mulheres negras evangélicas | 33 |
| Fig. 11: Fotografia registrada durante culto de jovens evangélicos | 34 |
| Fig. 12: Fotografia registrada durante culto de jovens evangélicos | 32 |
| Fig. 13: Boneca do livro | 34 |

sumário

| | |
|---------------------------------|----|
| introdução_____ | 12 |
| 1. a cor do pecado_____ | 16 |
| 2. o lugar da mulher negra_____ | 22 |
| 3. a cor da benção_____ | 28 |
| conclusão_____ | 56 |
| bibliografia_____ | 58 |

introdução

A ideia de trazer para o meu trabalho de conclusão de curso algo relacionado à fotografia e ao corpo preto surgiu a partir de observações e provocações feitas durante a minha graduação em Comunicação Visual Design, iniciada em 2015. A socióloga Lorna Roth (2016) pontua como o desenvolvimento da fotografia analógica e posteriormente da fotografia digital é racista e exclui a captação apropriada de tons de pele não brancos. A partir da reflexão de como corpos pretos são (mal) registrados surgiu o início deste projeto.

Em 2016, um ano após o início do curso na Escol de Belas Artes, em um congresso de jovens cristãos da zona oeste do Rio de Janeiro, foi a primeira vez que vi a possibilidade de registro fotográfico dentro de cultos. Os fotógrafos eram profissionais e a qualidade dos registros me chamaram a atenção pois eram incentivados a fazer o melhor com câmeras profissionais dentro do ambiente religioso. Em cultos semanais, a prática do registro de cultos só se tornou comum entre as igrejas após o período da pandemia do COVID 19. A partir disso, entendi que poderia conciliar meu ofício com a minha fé. O congresso em questão acontecia anualmente e era organizado pela liderança de um grupo chamado “Entre Jovens”, grupo de jovens cristãos de várias igrejas da zona oeste do Rio de Janeiro do qual eu fazia parte na época. Aliás, vale ressaltar que o grupo era liderado majoritariamente por homens e mulheres brancas.

Passei a integrar a equipe de fotografia e vídeo que registrava esses congressos em 2017. Após a cobertura dos 4 dias de evento, fiquei responsável por separar e editar as fotos de toda a equipe. Neste ponto, já com o senso e olhar crítico mais desenvolvido percebi dois pontos que trago como debate para este projeto: as principais fotos realizadas pelos outros fotógrafos eram das pessoas no palco, que tinham destaque. E essas pessoas em destaque eram em sua maioria brancas. Então comecei a refletir sobre o ponto que apenas as minhas fotografias mostravam mais as pessoas nos bancos, no lugar de espectador, e que como consequência eu conseguia captar mais pessoas negras e suas singularidades.

A intenção de fazer um fotolivro surgiu primeiramente como um projeto de retratos ou mais documental, trazendo para o centro das imagens o corpo de pessoas pretas dentro dos cultos evangélicos e como se dá essa relação. Mas o início dessas ideias para este trabalho se deu pouco antes da pandemia da COVID-19 em 2020, e por conta deste contexto a fotografia documental dos rituais do culto cristão, e o corpo negro nela inseridos, a partir daquele momento se tornou inviável para este projeto. Não foi possível registrar, pois devido a pandemia do COVID-19, medidas de saúde pública foram adotadas pelo Governo e a maior parte das igrejas evangélicas adotaram o fechamento dos templos. Os cultos

eram feitos apenas de maneira remota através de plataformas *online*. Por conta do impedimento de captar novas imagens do templo de igrejas onde cultos acontecem, a adaptação do trabalho foi necessária, e a partir dessa necessidade resgatei as imagens antigas que fiz em 2017, no congresso citado anteriormente, em que pessoas negras são o ponto focal da imagem e expressam sua fé através de expressões principalmente corporais.

O meu olhar sobre o projeto mudou um pouco no decorrer da escrita e hoje consiste em apresentar uma metáfora da relação entre a mulher negra e a igreja evangélica, levando em conta os estereótipos e signos construídos na sociedade a respeito da figura destas mulheres. A mudança do tema central se dá pela principal motivação da minha fé cristã e existência como mulher negra, minha avó paterna Otacília. Ela, como tantas outras ao meu redor, dedicou seu tempo à igreja, suas mãos para o servir e os joelhos para orar, e não tinha nenhum tipo de reconhecimento visível ainda que no discurso de seus iguais sua influência fosse evidente. Como mulher negra, fui incentivada e inspirada a seguir dentro da fé cristã e da igreja evangélica observando mulheres semelhantes a mim que apesar das dores e dificuldades causadas pela instituição não deixaram sua fé, instrumento de sobrevivência muitas vezes, ser corrompida.

No início do trabalho, apresento no primeiro capítulo, *A cor do pecado*, a parte histórica da igreja evangélica protestante no Brasil e qual é a relação da igreja como instituição em relação a manutenção dos preconceitos e racismo já estabelecido no país. Além disso, abordo discussões teóricas sobre o mito da “maldição de Cam”, umas das teorias racialistas que tem como referência à Bíblia e que foi usada para a aceitação do negro como inferior ou “sem alma”, sendo essa a base para o discurso da escravidão, ponto este que dá nome ao capítulo. E imageticamente, através de análises da pintura “A redenção de Cam” do pintor espanhol Moderno Brocos (1895), por Tatiana Lotierzo e Lilia Schwarcz (2013) e Diná da Silva Branchini (2008; 2013).

Como o objetivo deste trabalho é tratar da presença de mulheres negras dentro da igreja evangélica, discorro no segundo capítulo, **O lugar da mulher negra**, sobre a construção da imagem dessas mulheres. Para o debate dessa construção, trago Djamila Ribeiro (2018) para entender como essa imagem é construída pelos brancos em nossa sociedade a partir da ideia de cânone e de diferença. E no que se refere à essa imagem dentro da igreja evangélica, destaco os conceitos pontuados por Jacira Monteiro (2020) e evoco o trabalho de Rosana Paulino (1997), na série *Bastidores*, na intenção de repensar a representação e subjetividades do lugar da mulher negra.

No terceiro e último capítulo, *A cor da benção*, trago para o debate a forma como estereótipos são construídos com os pilares de Sander L. Gilman (1985), refletindo como esses conceitos influenciam a imagem da mulher negra. E também o olhar sobre o conceito da imagem da noiva de Cristo, com Diego Vinicius de Castro (2019), ponto central da relação da igreja evangélica e seu Deus. Por fim, apresento como foi o processo de criação, as escolhas conceituais e a captação das imagens, até a montagem do fotolivro e os desafios para a sua conclusão.

1. A cor do pecado

a "religião situa-se no universo das representações e intervém ao mesmo tempo na definição do sentido e na orientação das práticas... se necessário ela pode fornecer a explicação e a justificação das relações sociais."
(HOUTART, 1892, p.11)

Para entender a posição de mulheres negras dentro de igrejas evangélicas protestantes é necessário olhar para a história e a construção da imagem do corpo negro a partir da intervenção e influência da religião nos contextos sociais. Evoco aqui François Houtart, teólogo e sociólogo francês que pontua que boa parte das respostas para nossas relações sociais estão na religião. Houtart era um padre marxista e seguia uma teologia diferente em relação ao que a igreja católica pautava nos anos 1970. Ele acreditava na teologia da libertação dos povos, sobretudo latino-americanos. E para o desenrolar deste trabalho, essas respostas, citadas por ele, apontam e explicam como as relações aqui citadas são construídas.

A teóloga Branchini (2013) pontua em sua dissertação sobre religião e identidade, que para o entendimento da construção da imagem do corpo preto dentro das igrejas protestantes no Brasil é necessário entender o início da religião evangélica no país. Esta é produto de ideologias racistas da sociedade europeia moderna (séculos XVIII e XIX), e foi disseminada inicialmente entre a elite intelectual, política e empresarial brasileira na transição dos séculos XIX e XX.

A igreja evangélica no Brasil surge a partir de missões batistas vindas do sul dos EUA, com o pioneirismo do missionário Thomas Jefferson Bowen (1814-1875). Sua experiência em missões na África era o argumento que o credenciava a estar como missionário cristão entre africanos escravizados no Rio de Janeiro, apostando na evangelização como "redenção" da África. Seu papel era comunicar de forma fácil e acessível com os escravizados. Antes de sua experiência africana, Bowen era um sulista estadunidense, envolvido nos conflitos de terras contra os indígenas (SOUZA, 2002, p. 29). Possuidor de uma perspectiva negativa em relação à cultura e aos povos africanos, herança de uma política americana do uso indiscriminado da mão-de-obra africana na qual práticas e representações religiosas buscavam justificar a inferioridade dos africanos, como anotam Silva E. (2003) e Reily (1986).

Os missionários estadunidenses chegaram ao Brasil e encontraram um cenário muito semelhante ao que já conheciam no sul dos Estados Unidos e, por isso, não eram confrontados ou constrangidos a combater à escravidão. O evangelho já se estabelece no Brasil sem o compromisso de questionar essas práticas. O fundamentalismo das denominações protestantes dos EUA se transformou em terreno fértil para

justificativas da escravidão, que buscavam embasamento doutrinário para apaziguar a consciência dos escravocratas do sul. (SILVA, 2003)



Fig. 1: Reverend Thomas Jefferson Bowen (1814-1875) e Lurena Henrietta (Davis) Bowen (1832-1907). Foto de 31 de maio de 1853 por Wedding Picture.

O antropólogo brasileiro-congolês Munanga (2003) pontua em uma palestra, que “a primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra)” (MUNANGA, 2003, p. 8). Além de todo contexto de violências contra o corpo preto na história do Brasil, o racismo também está presente nos discursos religiosos fundamentalistas e nas afirmações racistas em relação ao continente africano e à cultura afro-brasileira, tendo base nas ideias relacionadas à suposta maldição sobre os africanos, herdeiros de Cam. Cam é um personagem bíblico, filho de Noé, que é apresentado no antigo evangelho no livro de Gênesis. A maldição, proferida por seu pai, se dá após Cam zombar de Noé após encontrá-lo bêbado e nu. Noé amaldiçoa toda a geração de Cam

proferindo que ele e sua descendência seriam “servos de seus irmãos”. Os textos sagrados apresentam o momento em que Noé profere a maldição:

Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos. Então Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço e disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. (Bíblia Sagrada-GÊNESIS 9:18-29.)

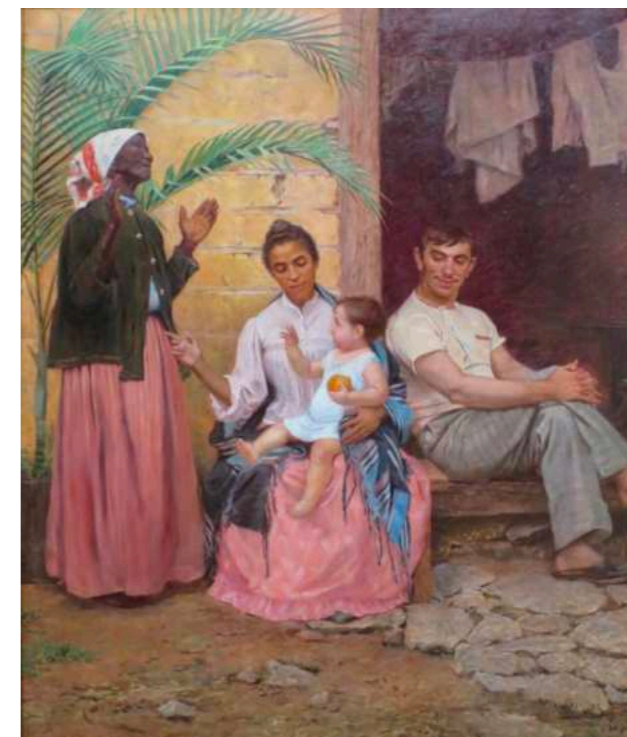


Fig. 2: Modesto Brocos. A redenção de Cam (1895). Óleo sobre tela, 99cm x 166cm. Rio de Janeiro : Museu Nacional de Belas Artes.

Apintura de Brocos (Fig. 2) ilustra a ideia de que a redenção e superação da maldição de Cam - supostamente presente no continente africano e sobre o povo preto - pode ser conquistada por meio do embranquecimento da raça. A pintura representa a narrativa dessa mitologia do clareamento da pele, evidencia a imposição por um afastamento das práticas e culturas do povo africano e o consequente domínio da cultura europeia (LOTIERZO E SCHWARCZ, 2013, p. 3). O contexto de difusão do mito bíblico sobre a maldição de Noé é o início da Era Moderna, quando os cristãos europeus buscavam formas de justificar a escravização de habitantes do continente africano, sob o marco do cristianismo. (LOTIERZO, 2017).

Por conta do contexto histórico e conceitos de raças supostamente expressos na mitologia bíblica, a religião protestante acaba por prevalecer a ideia de que a conversão de um indivíduo preto ao cristianismo e o recebimento do perdão ou libertação do pecado, está relacionado ao abandono da cultura negra - classificação que o homem, branco e cristão jamais irá se auto referir ao falar da própria religião pois entende que diferente é o outro. E, de certa maneira, a necessidade de assumir uma nova identidade, novas referências de vida e, conseqüentemente, romper com quaisquer vínculos culturais africanos e afro-brasileiros. Esse processo se dá desde a tentativa de afastamento com as religiões e rituais do povo africano até o apagamento de atributos corporais e estéticos. Dentro do âmbito evangélico as identidades étnico racial e religiosa estão sempre em oposição (BRANCHINI, 2008).

Ao mesmo tempo que muitos jovens negros cristãos começam a adquirir consciência racial, a igreja reforça de diversas maneiras a visão evangélica a respeito da África. Por essa perspectiva, os habitantes e costumes, sempre são percebidos como inferiores e amaldiçoados, ainda que a realidade brasileira não se encontre distante da situação de pobreza, fome e miséria que é apontada de forma sensacionalista por livros didáticos e pela igreja. Aqui, cito a escritora Carolina Maria de Jesus em seu livro Quarto de Despejo: "O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer", e o quanto essa frase, infelizmente, nunca deixou de ser atual. Inclusive, trata-se da realidade de boa parte dos evangélicos do país. (DATAFOLHA, 2020)

As pessoas negras convertidas têm, então, que se desligar de sua tradição e ancestralidade para serem realmente aceitas como "verdadeiros cristãos" ou escolhem se afastar dos espaços cristãos para se aproximarem de suas origens e lutar pelo direito à vida digna

¹Fonte: Pesquisa Datafolha com 2.948 entrevistas realizadas em 176 municípios de todo o país em 5 e 6 de dezembro; margem de erro de 2 pontos percentuais para mais ou para menos e nível de confiança de 95%

e direito a ocupar espaços socioculturais. Apesar de haver debates sobre questões raciais em outros espaços da sociedade, dentro do ambiente eclesial essa é uma temática pouco relevante ou um assunto que não compete aos cristãos. (BRANCHINI, 2013)

Os evangélicos, em geral, alimentam a ideia de que existe igualdade entre os fiéis, e isso tem sido motivo de orgulho para muitas denominações, sejam elas históricas ou pentecostais. Porém, esse mito tem sido usado para esconder o problema real do racismo na igreja evangélica brasileira". (OLIVEIRA, 2004, p. 60.)

O teólogo Oliveira (2004) ainda relata que, apesar do mascaramento ou a própria negação do discurso da suposta maldição e castigo de ser preto dentro das igrejas, é possível constatar a diferenciação do tratamento e posicionamento dos corpos pretos em detrimento de corpos brancos. De acordo com Pereira (2010), de modo geral, as igrejas evangélicas, principalmente as originárias do protestantismo histórico, possuem uma linguagem que não atinge de modo eficaz, com ações diretas e que resolvam os problemas na raiz, os pobres e excluídos do sistema da sociedade brasileira. Toda a liturgia (músicas, ritmos, linguagem, etc) desenvolvida é adequada às classes média e alta, geralmente composta por pessoas brancas herdeiras de uma cultura europeia e norte-americana. Oliveira (2004) também pontua em seu texto:

(...) geralmente são músicas distantes da cultura, da dor, dos anseios, da vida do povo brasileiro, que sofre e ri com seu jeito de sofrer e sorrir, que chora e festeja com sua maneira peculiar de chorar sorrindo e festejar chorando. (idem, p.60)

"A cor do pecado" título escolhido para este primeiro capítulo tem duas possíveis interpretações e mais imediatas: uma, já apresentada neste capítulo, do âmbito religioso que a partir de suposta maldição corrobora com o modelo hegemônico branco europeu e coloca o negro como indigno de salvação por não possuir alma e despreza toda cultura relacionada ao povo negro. E uma interpretação da cultura visual e até popular no Brasil, onde o corpo negro, principalmente feminino em um lugar de sensualidade exagerada (Piza, 1995)

2. O lugar da mulheres negra

No presente trabalho, o questionamento sobre qual o lugar da mulher negra ou se house em algum espaço-tempo uma delimitação deste lugar e quais são os espaços que surgem como “o lugar” permitido a esses corpos. A filósofa Djamilia Ribeiro (2018) coloca em xeque a efetividade do movimento feminista em sua suposta proposta de igualdade. Ainda que a luta seja em busca da igualdade de gênero contra estereótipos do sexismo que prejudicam os direitos e deveres de mulheres na sociedade, o feminismo se mostra contraditório na medida em que não contempla a trajetória e os anseios de mulheres negras. A igualdade de direitos não atende todas essas necessidades.

No ambiente eclesiástico, Jacira Monteiro, autora do livro *O Estigma da Cor* (2020), identifica a maneira como as relações foram construídas sob a cultura de uma sociedade regida por homens brancos e estruturalmente machistas. Ela comenta que essa característica afeta e delimita a vida de mulheres dentro e fora da igreja. Isso é percebido com o estereótipo de que a mulher precisa ser feminina e, para isso, destaca características como: ser intelectualmente preguiçosa ou não se dedicar ao estudo e não trabalhar fora de casa; ser uma pessoa fraca e frágil; ser uma mulher voltada para o matrimônio e em ser mãe. Dentro do evangelicalismo² esse discurso é defendido não apenas por frequentadores, mas por pastores, bem instruídos, em suas igrejas. Mas esse molde de feminilidade, que limita a mulher à maternidade e trabalho doméstico, é elitista e exclui a grande maioria das mulheres que vivem em realidades sociais desfavoráveis. Essas mulheres vivenciam problemas como abandono parental, viuvez, sobrecarga da vida doméstica, falta de rede de acolhimento, entre outros. A feminilidade imposta pela cultura evangélica é cruel, reducionista e excludente. Uma mulher que trabalha fora para complementar a renda ou sustentar a vida da família, pode ser considerada menos bíblica - no contexto cristão - ou menos feminina por causa disso? (MONTEIRO, 2020).

As mulheres negras, a partir dessa perspectiva, se tornam indivíduos ainda mais contraditórios e descolados da narrativa, pois estas sempre tiveram que trabalhar e enfrentar contextos que não se adequam a essa compreensão. No período da escravidão, a mulher preta tinha de trabalhar na lavoura e dentro da casa grande, cuidando dos filhos de suas Sinhás, que hoje podem ser vistas como as cuidadoras de famílias brancas de elite. Após a abolição da escravatura, em 1888, a mulher preta precisou trabalhar nas cidades para ajudar no

²O evangelicalismo, evangelismo ou cristianismo evangélico é um movimento cristão protestante surgido no século XVII, depois da Reforma Protestante

sustento da casa. A quem beneficia o discurso de uma feminilidade elitista e excludente? Argemiro (1998) narra que havia uma preferência por trazer escravos homens da África por causa do trabalho braçal na lavoura. Contudo, essa preferência pelo trabalho masculino não excluíram o sequestro de mulheres também à escravidão. As mulheres escravizadas tinham duas frentes de trabalho: a lavoura e a casa grande.

Se ampliarmos a discussão podemos evocar a pensadora Angela Davis (1982) que narra como os castigos dados às mulheres eram piores aos dados aos homens. Elas eram açoitadas e mutiladas, como os homens, e, ainda, eram estupradas. Essas mulheres negras escravizadas não eram tratadas segundo o estereótipo de “mulheres frágreis”. Na verdade, eram sexualizadas e obrigadas a trabalhar em pé de igualdade como os homens trabalhavam.

Observar a construção dessa imagem a partir da escravidão e o reflexo disso dentro dos espaços cristãos, nos ajuda a compreender como a feminilidade exclui a mulher negra e sua história. Um exemplo importante disso é a história de Sojourner Truth (c. 1797-1883), nascida escrava e que se tornou abolicionista após sua fuga emancipatória. Converteu-se cristã metodista e lutou pelos direitos das mulheres. Seu discurso, na National Women’s Rights Convention (Convenção dos Direitos da Mulher), em 1851, em Worcester, Massachusetts, nos EUA, se tornou emblemático no confronto com os conceitos do feminismo que excluem as mulheres negras. Além desta, Rosa Parks, Harriet Tubman, Fannie Lou Hamer, dentre outras mulheres negras protestantes, marcaram a história por combaterem o racismo e a desigualdade social e manterem como fonte de inspiração e resistência, sua relação com a fé cristã.

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem - quando tinha o que comer - e também aguentei as chicotadas! E não sou mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?
(Truth,1851)³

Durante a escravidão, a mulher negra nunca foi tratada como frágil e, depois da abolição, continuou precisando trabalhar para sustentar seu lar. Isso manteve um olhar de que ela não pode ser vista como digna de ajuda para entrar na carruagem ou pular poças de lama (MONTEIRO, 2013). Se a mulher é a parte frágil da sociedade e deve ser ajudada, porque isso não se estende às mulheres negras?

Em vez de explorar as razões pelas quais essa hostilidade existe ou de lhe atribuir alguma legitimidade como reação adequada à dominação e à exploração, elas veem a mulher negra como teimosa, problemática, irracional e louca [...] O apelo feminista contemporâneo pela irmandade, o apelo das brancas radicais para que as mulheres negras e todas as mulheres de cor entrem no movimento feminista, é visto, por muitas negras como mais uma expressão da negação, por parte das mulheres brancas, da realidade da dominação, de sua cumplicidade na exploração e opressão das mulheres negras e dos negro em geral.
(HOOKS,2013,p.139)

Podemos entender sobre “o lugar da mulher negra” na sociedade quando nos debruçamos sobre o modo como a intelectual Gonzalez (2020, p. 76) entende o racismo brasileiro: “se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira e, junto com o sexismo, traz outras formas de produção de desigualdades como a noção de mulata, doméstica e mãe preta.” Esta crítica nos alerta para pensar a realidade brasileira que, a partir da democracia racial⁴, constrói uma falsa ideia de igualdade entre pessoas brancas e negras, já que somos “mestiços”. A autora faz uma análise do racismo e da “culpa” branca:

É por aí que a gente compreende a resistência de certas análises que, ao insistirem na prioridade da luta de classes, se negam a incorporar as categorias de raça e sexo.
(GONZALEZ, 1984, p.232)

³ Trecho do discurso retirado do livro “Quem tem medo do feminismo negro” de Djmalia Ribeiro, 2018

⁴ Conceito sistematizado por Gilberto Freyre em sua obra Casa-Grande & Senzala (1933)

Dentro do campo imagético, a série Bastidores (1997) da artista Rosana Paulino, trás conceitualmente essa ideia do lugar em que a mulher negra é vista dentro da sociedade. Neste projeto, a artista utiliza retratos de mulheres negras, transferindo as imagens para os tecidos e os aplica em bastidores para bordado. Ela borda por cima das imagens com um fio preto. Esse bordado não ocorre de modo decorativo, mas deslocado. Paulino cobre boca, olhos, gargantas e outras partes das personagens de modo agressivo, com linhas tortas, escondendo partes dos rostos de suas personagens. (SILVEIRA E ALVES, 2018)



Fig. 3: Série Bastidores, Rosana Paulino, 1997. Acervo MAM-SP. Fonte: Autores.

A obra surge a partir de conversas que a artista tem com a irmã que trabalha com casos de violência doméstica. Nos casos de violência relatados era comum que objetos do cotidiano e do lar, como garfos, agulhas, fossem utilizados como elementos de poder e instrumentos de violência (THE FRANK MUSEUM, 2019)⁴. Ao trazer elementos do universo doméstico, o bastidor e o bordado, Paulino discute diretamente as várias violências que as mulheres sofrem no ambiente do lar. Ela inverte a situação: de uma atividade aparentemente banal para evidenciar algo que está oculto. Essa virada de sentido ocorre quando ela usa a imagem fotográfica e o bordado sobre ela. (SILVEIRA E ALVES, 2018)

Para este projeto a discussão dos lugares, imagens e conceitos impostos em torno da mulher negra cristã e suas subjetividades se encontram também com o olhar de Rosana Paulino sobre às mulheres a sua volta. Igualmente, olho para as mulheres negras ao meu redor para construir imagetica mente quem são ou podem vir a ser essas mulheres.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mKu9_a3sznk&-t=481s>. Acesso em: 20 de novembro de 2022.

3. A cor da benção

E Deus criou os seres humanos; criou-os à
semelhança de Deus, Refletindo a natureza de Deus.
(Gênesis 1.27)⁴

Esse trecho, retirado do primeiro livro da Bíblia, livro em que se baseia o protestantismo e as religiões evangélicas, todos os seres humanos foram feitos com características e qualidades de Deus. Ao longo da história encontramos uma grande diversidade de imagens que constroem um imaginário da perfeição através de símbolos e signos que consolidam o conceito de belo. As características dos negros, sua pele, seus traços físicos e cultura, são ligadas ao feio, sexualizado e exótico (MUNUNGA, 2003). Para o desenvolvimento deste trabalho, os estereótipos sobre estes corpos negros são o ponto de partida para o questionamento “qual o lugar da mulher negra no evangelho construído e ensinado por homens brancos?”

Segundo Gilman (1985), a criação de um estereótipo está intrinsecamente ligada à construção da identidade, seja ela dos grupos ou de indivíduos. A construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualifica o positivamente) como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente). A diferença apresentada pelo outro passa a ser objeto de medo e ansiedade tanto quanto de controle e repressão. O outro enquanto diferente de mim é visto como ameaça. As imagens são produtos da história e da cultura que as perpetuam.

“A fé evangélica é, sobretudo, uma fé de mulheres negras, pobres e periféricas”, a frase pontuada por Nilza Valéria (2021)⁵, jornalista e coordenadora Nacional da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, também ajuda na construção conceitual do projeto. Para toda mulher negra, como diz a frase atribuída a Lélia Gonzalez, “tornar-se negra é uma conquista”. E dentro dos espaços evangélicos no Brasil, se torna necessário afirmar isso cotidianamente. É um fardo pesado e desnecessário que faz parte da realidade de um número expressivo de pessoas, visto que mulheres negras são a maioria nos bancos evangélicos (DATAFOLHA, 2020) e ainda assim não tem um lugar de protagonismo. A ideia de usar a fotografia como linguagem e o fotolivro como plataforma, veio a partir da minha vivência como fotógrafa negra dentro dos cultos e eventos de igrejas evangélicas e a partir disso perceber que eu era a única pessoa a registrar e dar destaque aos corpos negros dentro desse espaço, como citado na introdução deste trabalho. Mesmo que

⁵Texto retirado de Gênesis, o primeiro livro da Bíblia.

⁶Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/27/fe-evangelica-e-das-mulheres-negras-e-pobres-bancada-nao-nos-representa.html>> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

outros fotógrafos fizessem imagens do mesmo culto que eu, as pessoas escolhidas para estar em destaque nas fotos desses outros fotógrafos, eram majoritariamente pessoas brancas. Passei a observar também suas expressões e características que diferenciavam esses corpos negros dos demais. E também o interesse em criar uma narrativa que remonte o tipo de imagem ligada as características dos negros, sua pele, seus traços físicos e cultura, agora os colocando num lugar de de benção e virtude, não mais como um pecado ou maldição. Assim distanciando a imagem da mulher negra dos estereótipos antes mencionados.

Fig. 4: Foto registrada durante culto do congresso de jovens evangélicos.



Fig. 5: Foto registrada durante culto do congresso de jovens evangélicos.



Fonte: Acervo Pessoal.

A socióloga negra Edith Piza (1995), analisa a tela *Bem-Amada ou A Noiva* de Dante Gabriel Rosseth, poeta e ilustrador do século XIX, a partir de conceitos de estereótipos e como se relacionam com a raça. A tela mostra quatro mulheres de cabelos escuros cercado uma jovem ruiva. Todas estão fartamente vestidas, usam véus e adereços que pela delicadeza sugerem entre as roupas e as flores que coroam a noiva. Em primeiro plano, mais abaixo das mulheres brancas está uma menina negra. Seus cabelos são curtos e ela não usa véu como as demais. Usa um acessório que parece ser de ouro ou jóia semelhante posicionada sobre a testa - contrastando com os véus das outras mulheres e o pente diáfano que prende o cabelo da noiva. No pescoço, preso por uma fita, um grande medalhão cravejado de pedras, na orelha uma argola de ouro e descendo pelo braço apenas um xale. Por sobre a mão que oferece um jarro de rosas brancas à noiva. A personagem negra é a única que aparece com um seio nu. Apesar dos olhos meigos e castos como os da noiva, a menina negra da pintura estabelece o clima de mistério que as outras mulheres sussurram aos ouvidos da noiva.



Fig. 6 : Dante Gabriel Rossetti
A Noiva (1865).
Óleo sobre tela, 80cm x 76cm.
Londres: Tate Gallery)

No quadro, a Amada (ou a Noiva) do título revela seu rosto diante do noivo que a espera. Em Apocalipse, o último livro da Bíblia, para o cristianismo o livro que apresenta profecias e simbologias sobre o futuro, De Castro (2019) nos apresenta o significado da relação entre "a noiva" e "o noivo" citado neste livro. Segundo ele, a utilização do matrimônio e suas metáforas nas narrativas bíblicas foi utilizada pelo escritor de Apocalipse para explicar a relação de Deus para com o seu povo. Ou seja, as relações horizontais (relação entre homem e mulher) utilizadas para explicar o vertical (relação entre Deus para com os homens). A imagem dessa noiva, representando a igreja, é repetida de diversas formas dentro do ensinamento cristão e, assim como a noiva do quadro de Rossetti, geralmente é uma mulher branca em destaque. Uso desta imagem da noiva nesse projeto para construir uma nova imagem da mulher negra que é vista com desprezo pelo espaço físico, a igreja, por suas características físicas e culturais.

Em 2022, me deparei com a situação da escolha de uma mulher para representar essa figura da noiva em uma peça teatral na igreja

protestante da qual faço parte. Em meio ao debate, os traços definidos para uma “noiva de Cristo ideal” eram apenas traços de mulheres brancas. A partir dessa experiência pessoal, com a percepção de que a figura da noiva de Cristo é comumente representada por uma mulher branca, de traços caucasianos e a reflexão dos conceitos debatidos até aqui, nasce o conceito do ensaio da personagem principal do projeto fotográfico, uma mulher negra que “não cabe” na roupa da noiva de Cristo, que na verdade nem parece ter sido pensada para ela, de acordo com os padrões da instituição evangélica. Quando na verdade, toda a comunidade cristã, sem distinção deveria se sentir contemplada por esta imagem.

A personagem principal do trabalho é representada pela “Noiva”, figura que encontra na sua relação com o divino e em si, a propriedade para se libertar dos estereótipos que podam sua individualidade como mulher negra e encontrar um novo lugar para si e sentido para esta imagem de noiva. Este ensaio foi produzido em 2022, com uma amiga também jovem cristã que frequenta os mesmos espaços de debate e reflexão. Fizemos as fotos em um canteiro de uma vila que encontramos no bairro de Senador Camará, zona oeste do Rio de Janeiro, lugar este onde a igreja evangélica está presente de forma massiva.

Fig. 7: Fotografia feita em ensaio “A Noiva”.



Fig. 8: Fotografia feita em ensaio “A Noiva”.



Fonte: Acervo Pessoal.

Ao olhar para as mulheres negras cristãs ao meu redor e pensando na construção do projeto, senti a necessidade de trazer para o trabalho as características dessas mulheres, ainda que neste projeto não seja possível ver os rostos de todas. Mas suas cores, a textura da pele, os tipos de cabelo e sorrisos representam características de tantas outras que, não são iguais e uniformes, mas tem entre si igualdades que possibilitam o reconhecimento e pertencimento em meio à um ambiente eclesial constituído para inicialmente para pessoas brancas.

Fig. 9: Fotografia de mulheres negras evangélicas.



Fig. 10: Fotografia de mulheres negras evangélicas.



Fonte: Acervo Pessoal.

Todas as imagens que aparecem no projeto são de mulheres que atravessaram minha caminhada cristã, possibilitando de forma direta ou não, minha permanência e ressignificado na relação com a igreja evangélica. São senhoras mais velhas que têm um papel inclusive de ancestralidade do evangelho e da luta, tias e primas, e também jovens amigas que caminham no presente comigo. As fotografias foram feitas na minha primeira igreja, onde cresci e tive o caráter moldado, com experiências boas e ruins, mas principalmente com o rosto das pessoas negras quase decoradas até hoje, por serem minoria naquele contexto.

E olhando para a importância do espaço de culto, onde é principalmente manifestada a fé e os ritos cristãos, eu resgato as imagens dos cultos fotografados em 2017, no congresso de jovens. Evocando as particularidades desse espaço comum aos evangélicos, mas que olhando mais atentamente tem diferença para pessoas negras e brancas. Trago imagens de símbolos como a Bíblia física e também de manifestações corporais como o choro ou o clamor em comunidade das mãos levantadas.

Escolhi o fotolivro como formato de apresentação da narrativa

Fig. 11: Fotografia registrada durante culto de jovens evangélicos



Fig. 12: Fotografia registrada durante culto de jovens evangélicos



Fonte: Acervo Pessoal.

através das fotografias, já que é um suporte utilizado para exibir trabalhos fotográficos de artistas ou fotógrafos. Geralmente, esses artistas têm parte ativa no projeto, através da idealização e diagramação do veículo produzido por um laboratório fotográfico (SILVEIRA, 2015). Escolhi também como recurso o uso das partes pré e pós textuais no fotolivro, levando em consideração uma possível publicação e produção industrial.

Para a construção de sentido da história sendo contada, a diagramação e a ordem das fotografias fazem o papel de “amarrar” as imagens escolhidas. Todo novo capítulo é iniciado com um texto bíblico que faz relação com o tema proposto. O papel vegetal na abertura de capítulos foi pensado na intenção de evocar as características formais da Bíblia, como o papel utilizado e o tipo de marcação dos capítulos. O uso das imagens em preto e branco também tem a intenção de criar unidade entre as fotografias apresentadas.

Os textos utilizados são trechos em versões atuais de capítulos de alguns livros encontrados na Bíblia, sendo eles: Cantares, Isaías, Salmos e Apocalipse. Para a aproximação das características evocadas no projeto, os trechos são apresentados na ordem em que aparecem. Além do início de capítulo, algumas partes mais expressivas desses textos são utilizadas como interferência gráfica no livro, para criar dinamismo e quebrar a repetição apenas de imagens. Textos utilizados na abertura dos capítulos:

Cantares 4

12 Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada.

13 Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes: **14** o cipreste e o nardo, o nardo e o açafraão, o cálamo e a canela, com toda a sorte de árvores de incenso, a mirra e aloés, com todas as principais especiarias.

15 És fonte de jardim, poço de águas vivas, correntes que manam do Líbano!

Cantares 1: 5-6

“Negra eu sou e (sou) bela
Filhas de Jerusalém
Como as tendas de Quedar
Como as tendas de Salma

Não (!) vejas a que eu sou negra
Que me avistou o sol
Os filhos da minha mãe ficaram
raivosos comigo
Puseram-me a guardar os
vinhedos
A vinha que era minha não
guardei”

Isaías 51

11 O Senhor o guiará
constantemente; satisfará
os seus desejos numa terra
ressequida pelo sol e fortalecerá
os seus ossos. Você será como
um jardim bem regado, como
uma fonte cujas águas nunca
faltam.

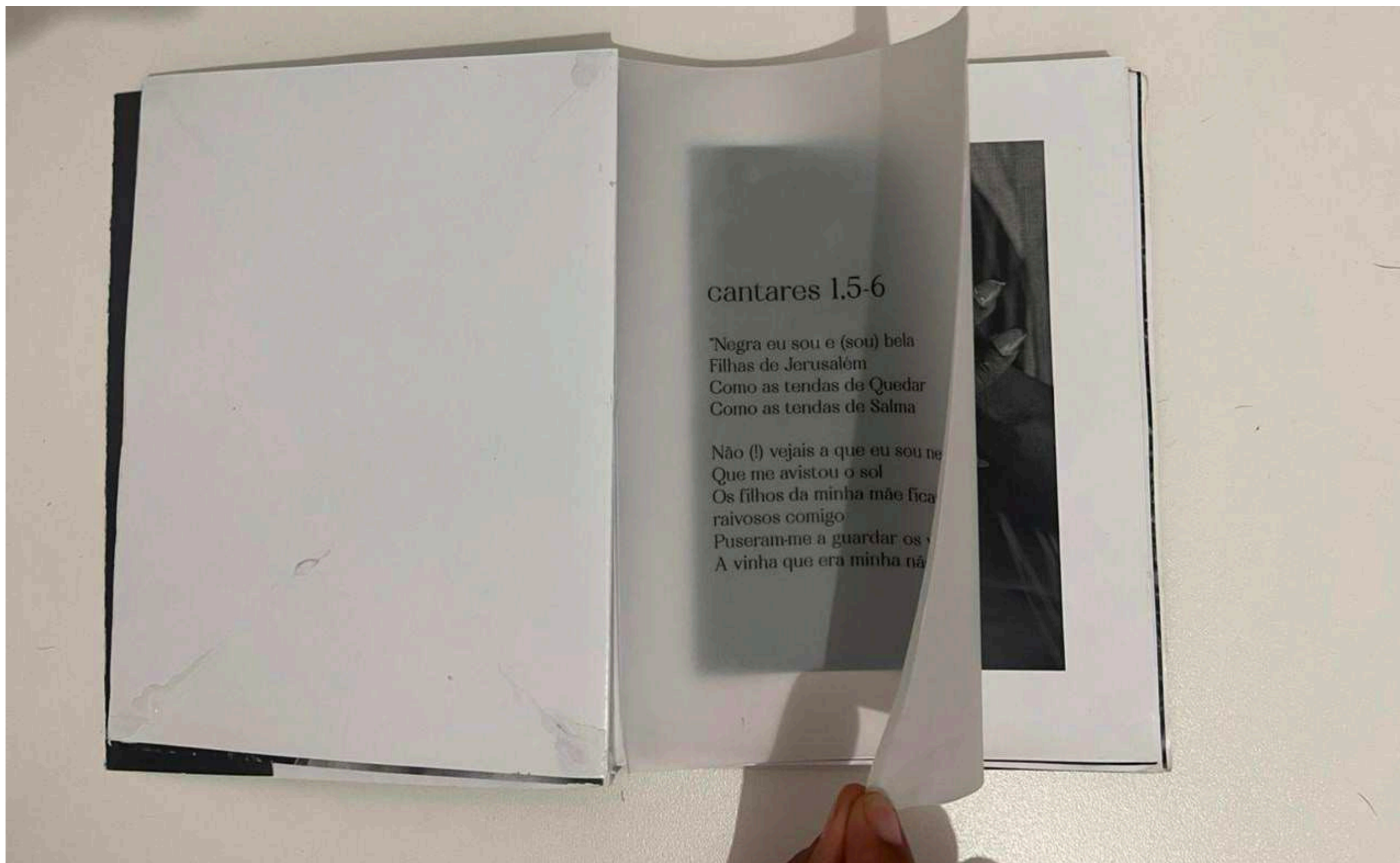
Salmos 123

1 Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha. **2** Então, a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de júbilo; então, entre as nações se dizia: Grandes coisas o Senhor tem feito por eles. **3** Com efeito, grandes coisas fez o Senhor por nós; por isso, estamos alegres.

Apocalipse 21

1 Vi a Cidade Santa, a nova Jerusalém, que descia dos céus, da parte de Deus,
2 preparada como uma noiva adornada para o seu marido.

Fig. 13: Boneca do fotolivro

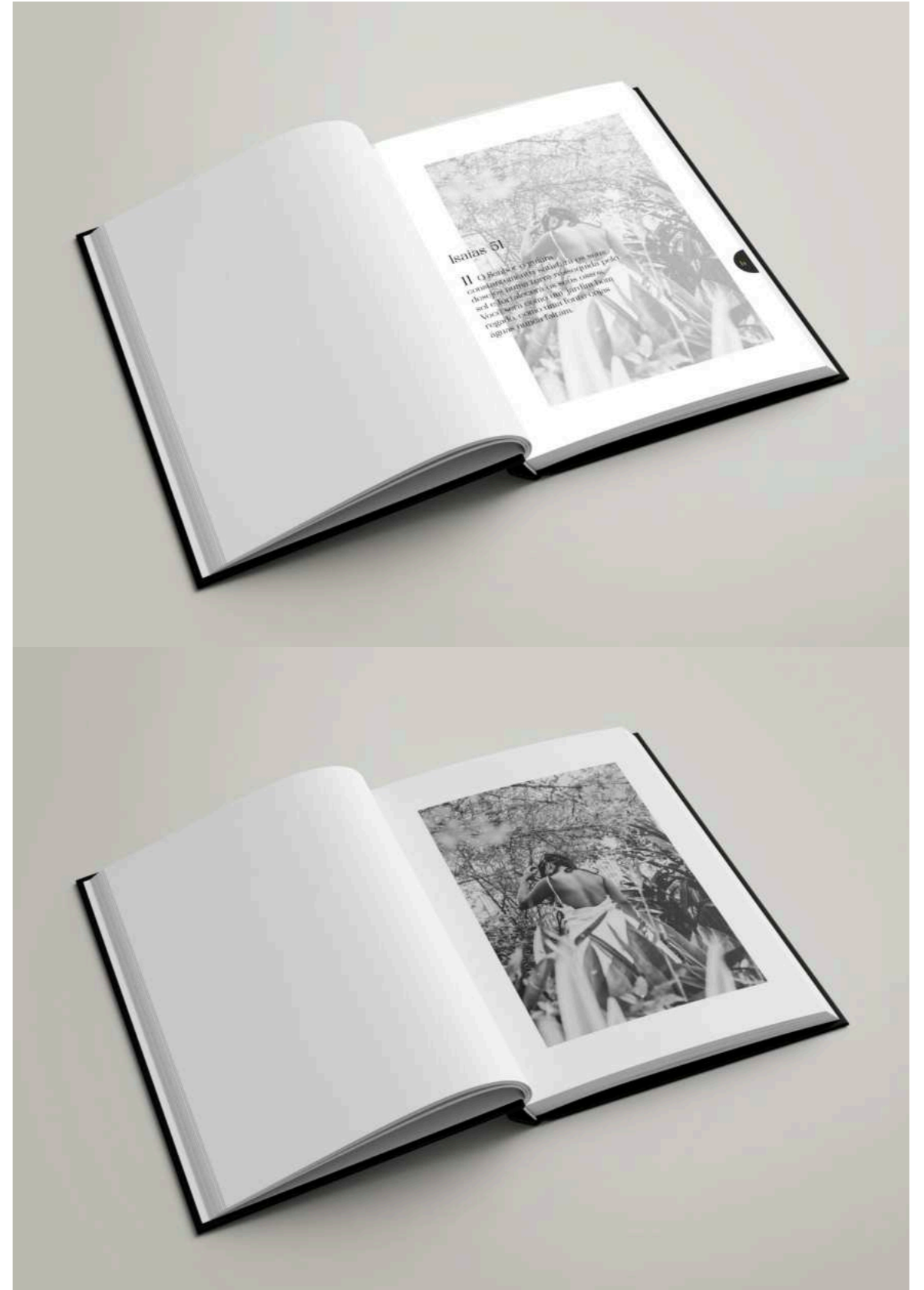


MOCKUPS



















CONCLUSÃO

A cor da benção é um projeto fotográfico que busca discutir a construção das relações e dinâmicas sociais que tentam definir o lugar da mulher negra através da produção de fotografias que transitam entre o registro de eventos e conceitual. Usando de fotografias resgatadas do meu acervo pessoal e ensaio produzidos dentro do conceito debatido neste trabalho.

A discussão teórica sobre sociedade, racismo e igreja foi a base para a construção do trabalho. Levando em consideração as pontuações sobre o mito da “maldição de Cam”, e análises da pintura “A redenção de Cam” de Modesto Brocos (1895), que apontam a problemática da falta de discussão do tema pela igreja e por consequência o esquecimento da singularidade de pessoas negras, que resgato imagetivamente no fotolivro através dos detalhes singulares das mulheres negras.

Para a construção da narrativa do fotolivro o entendimento de como estereótipos são construídos através dos pilares de Sander L. Gilman e também o olhar sobre o conceito da imagem da noiva de Cristo, personagem central do projeto gráfico.

No processo, que se iniciou pouco antes da pandemia, precisei adaptar as ideias de captação e do tipo de fotolivro que seria feito. Olhar para imagens que eu já tinha guardadas foi essencial para o pontapé inicial das ideias do desenvolvimento da parte prática do projeto. As fotos do ensaio da personagem da Noiva vieram como uma ideia diferente das fotos de pessoas negras feitas anteriormente no culto de jovens, mas que com a leitura da bibliografia e a construção do debate do texto foram sendo encaixadas como um único projeto visual. As imagens do corpo da mulheres negras, as texturas, particularidades, etc, foram feitas no final do processo da construção da narrativa

e entram como um elo para a história da personagem do livro.

Apesar dos desafios externos ao processo do TCC, foi um trabalho prazeroso. As ideias e projeções para este projeto partem de um lugar muito sincero. Para finalizar uso as palavras de Rosana Paulino:

Para mim, a arte deve servir às necessidades profundas de quem a produz, senão corre o risco de tornar-se superficial.

O artista deve sempre trabalhar com as coisas que o tocam profundamente. Se lhe toca o azul, trabalhe, pois, com o azul. Se lhe tocam os problemas relacionados com a sua condição no mundo, trabalhe então com esses problemas.

(PAULINO, 2009, p114)

BIBLIOGRAFIA

ATRIB, Fernanda Dupem Pestana. **As igrejas e o racismo: repensando a responsabilidade dos líderes religiosos.** Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 10, n. 28, p. 227-239, 2021

AUGUSTO, Jackson. **A juventude negra evangélica tem algo a afirmar: Não somos modinha.** Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-juventude-negra-evangelica-tem-algo-a-afirmar-nao-somos-modinha/>

BARBOSA, J. C. **O Negro não entra na Igreja: espia da banda de fora.** Piracicaba, SP: UNIMEP, 2002.

BRANCHINI, Diná da Silva. **Revista Caminhando v. 18**, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2013

BRANCHINI, Diná da Silva. **Religião e identidade: um estudo sobre negros metodistas da região metropolitana de São Paulo.** 2008, 212f. Dissertação (Mestrado) Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, SP, 2008

BARBOZA, Vanessa Maria Gomes. SOUZA, Ana Paula Abrahamian de. **Mulheres Negras Evangélicas e o Processo de Autoformação.** Interritórios - Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL | V.6 N.10 [2020]

DE CASTRO, Diego Vinícius. **"O Noivo e a Noiva dizem vem!" Imagética nupcial na descrição do relacionamento entre cristo e sua noiva no apocalipse de João.** USP - São Bernardo do Campo - 2019

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade:** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LOTIERZO, Tatiana; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de Modesto Brocos.** In: Artelogie, n° 5, Out. 2013

OHREM, Paola e ATHAYDE, Thayz Conceição Cunha de. **DISPENSÇÃO DA MULHER NEGRA PELA IGREJA CATÓLICA.** Caderno Humanidades

em Perspectivas, Curitiba, v. 5, n. 11, p. 132-136, 2021

OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil.** São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

MONTEIRO, Jacira Pontinha Vaz. **O Estigma da Cor - Como o racismo fere os dois grandes mandamentos de Cristo.** São Paulo, SP - Editora Quitanda; 1ª edição, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação - PENESB-RJ, 05/11/03

PIZA, Edith. **A Cor do Pecado.** Revista Estudos Feministas, Universidade de São Paulo, SP. 1995

PEREIRA, Cristina Kelly da Silva. **Religião e negritude: discursos e práticas no Protestantismo e nos Movimentos Pentecostais.** São Paulo, SP: Revista Eletrônica Correlatio, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Polém Livros, 2019. 128 p.

ROTH, Lorna. **Questão de Pele.** Revista Zum #10, Edição comemorativa. 2016.

SANTANA, Jorge Luiz Nery de. **Práticas e representações étnicas nas narrativas religiosas dos Batistas em Feira de Santana (1947- 1988).** (Dissertação de Mestrado). Feira de Santana: UEFS, 2010.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia.** Tese de doutorado apresentada ao departamento de História da Universidade de São Paulo FFLCH - USP. São Paulo, 1998

SILVA, Carmem. **Raízes das Desigualdades.** Cadernos de Crítica Feminista, Recife, ano 1, 2007.

SILVEIRA E ALVES, Luciana Martha e Bruno Oliveira. **Os Deslocamentos de Sentido na Série Bastidores, de Rosana Paulino.** ANAIS DO II COLÓQUIO DE FOTOGRAFIA DA BAHIA / Volume 1, Número 1, 2018